

MORFOLOGIA, TEXTO E ENSINO: O CASO DE CRUZAMENTOS E SPLINTERS

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ)

Margareth Andrade Morais (IFRJ)

Vitor de Moura Vivas (IFRJ)

1. INTRODUÇÃO

Por conta do momento político e social conturbado por que passa o país, há uma profusão de debates e pontos de vista em circulação. Assim, não raro, surgem formas que capturam e sintetizam esses discursos por meio de algum recurso linguístico. Dentro dessa perspectiva, este capítulo tem como objetivo descrever o fenômeno morfológico ligado à criação de cruzamentos vocabulares e de *splinters*, para, em seguida, demonstrar possibilidades de articulação desse conteúdo ao ensino de leitura. Como objeto de investigação, foram utilizadas formações com *bolso-* e *-naro* criadas pelos falantes a fim de nomear o presidente e, ao mesmo tempo, expressar um posicionamento discursivo em relação a esse referente.

Em termos descritivos, investigou-se o percurso formativo dos cruzamentos vocabulares, processo de formação de palavras que consiste (p. 13) na fusão de duas palavras-matrizes para a formação de uma terceira. Além disso, observou-se como os *splinters* se disseminaram em bases antroponímicas, como nas formas ‘Bolsocaró’ e ‘chatonaro’.

Para cumprir tal objetivo, o capítulo está estruturado da seguinte forma: a primeira seção detalha os fenômenos morfológicos escolhidos, do ponto de vista teórico, já com a exploração de alguns exemplos. Com base no entendimento teórico dos fenômenos analisados, iniciou-se a etapa relativa à exploração desse recurso linguístico em textos, a fim de demonstrar a possibilidade de articulação entre morfologia e ensino de leitura, tendo em vista a estreita associação entre os *splinters* estudados e seu contexto de produção e circulação/viralização, principalmente, nos textos nascidos na *internet*. Desse modo, o *corpus* que embasa o trabalho foi construído por meio de exemplos retirados da *internet*, como *tweets*, *prints* do *Instagram* e *WhatsApp*.

2. SOBRE CRUZAMENTOS E SPLINTERS

Desde o final da década de 1960, o fenômeno do cruzamento vocabular (CV) vem despertando o interesse dos morfólogos, ainda que, nos dias de hoje, haja quem o considere, por sua “excentricidade”, parte da morfologia extragramatical (MARTIELO, 2013). Semelhante à composição, pelo fato de combinar duas bases, o CV difere desse tradicional mecanismo de ampliação lexical nos seguintes aspectos, fundamentalmente:

- (a) A sucessão linear das bases é rompida por reduções ou sobreposição de segmentos (‘apertamento’; ‘lambafunk’);
- (b) Por isso mesmo, o CV é um processo dito não concatenativo, ao contrário da composição, processo que sempre envolve encadeamento/concatenação; (p. 14)
- (c) Produtos de CV são mais efêmeros e tendem a permanecer na língua por curto período de tempo (p. ex., ‘jeguerino’ << ‘jegue’ + ‘Severino’ dificilmente é interpretado considerando o sobrenome do ex-presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, figura bastante polêmica na época e objeto de várias críticas);
- (d) A principal função das novas formações não é a rotulação, como o é na composição (‘porta-luvas’, ‘aguardente’), mas a expressão de ponto de vista (‘chafé’, ‘chattoso’);
- (e) CVs operam com várias classes de palavras, assim, como a composição, mas o produto não necessariamente é um nome (p. ex., ‘chorrir’ << ‘chorar’ + ‘rir’), ‘ouver’ << ‘ouvir’ + ‘ver’). A composição não forma verbos, ainda que os possa tomar como bases (‘conta-gotas’, ‘empurra-empurra’).

Nos anos 1990, foram muitos os trabalhos sobre o fenômeno em língua inglesa e, logo depois, numerosos foram os estudos sobre outras línguas. No Brasil, pelo que se conhece, foi Sandmann (1989) o primeiro autor a mencionar o CV e até esboçar uma primeira categorização para os dados que utilizou como exemplos. No entanto, ainda nessa época, pouco se conhecia sobre o assunto e se chegou a questionar se esse tipo de procedimento era novo na língua ou tinha passado despercebido pelos linguistas, no geral, e pelos morfólogos, em particular (cf. HASPELMATH; SIMS, 2010). Até as definições podem ser questionadas:

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

- (a) Fusão de duas palavras em que há perda segmental de uma ou das duas bases (em ‘paitrocínio’, e ‘politicanalha’, por exemplo, as duas bases ficam intactas);
- (b) Processos de mesclagem lexical são vinculados à linguagem jocosa ou, na melhor das hipóteses, aos discursos literário, humorístico-satírico e comercial-publicitário (cf. ARONOFF; (p. 15) FUDEMAN, 2004) com finalidade expressivo-discursiva (este não é o caso, por exemplo, de ‘futevôlei’, ‘portunhol’ e ‘chocotone’, em que está explícita a função de rotulação);
- (c) Junção de partes não morfêmicas de palavras (novamente aqui, a definição deixa de fora dados como ‘barracoteca’, pois *-teca*, um formativo de direito, compacta ‘biblioteca’ e leva esse significado para a nova construção);
- (d) Combinação aleatória de partes de palavras (aqui, há realmente um problema, pois a combinação ou é feita nos segmentos que as palavras compartilham, como em ‘aborrescente’, ou considerando o acento, se as bases são foneticamente dessemelhantes, como em ‘brasiguaio’). Desse modo, o fenômeno, de modo algum, é irregular ou assistemático.

De Adams (1973) a Laubstein (1991), ainda no século passado, havia uma imprecisão muito grande sobre o CV, de um lado, e suas partes componentes, de outro. Desse modo, veem-se associações como as seguintes (cf. GONÇALVES, 2013):

“Às palavras que contêm splinters chamarei de blends” (ADAMS, 1973: 142).

“Splinter é usado para descrever um “pedaço” de palavra que se caracteriza em blends”. (CANNON, 1986:136)

“Blends combinam dois splinters ou um splinter e uma palavra” (ALGEO, 1977: 56)

“Blend é a junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é utilizado para completar parte do primeiro” (LAUBSTEIN, 1999: 128)

Pelas definições, não fica claro que a fronteira entre o concatenativo e o não concatenativo pode ser rompida com a criação de *splinters*. (p. 16) Desde Bauer (2004, p. 95), essas unidades devem ser interpretadas como “um fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras” (grifo nosso). Ao afirmar que *splinters* surgem do processo de *blending*, Bauer (op. cit.: 95) ressalta que o emprego que faz do termo “é uma pequena extensão do uso encontrado em Adams (1973: 142)”. A

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

“pequena extensão” a que o autor se refere é a **recorrência** de tais partículas. Com Bauer (2004), *splinter* deixa de ser concebido apenas como uma porção aleatória de palavras para ser interpretado como uma categoria morfológica com estatuto parecido com o dos afixos, em termos posicionais, já que aparece sempre numa das bordas da palavra, mas com grande semelhança com radicais, pois veiculam conteúdos semanticamente mais densos.

Em Gonçalves (2019), revelou-se que nomes próprios, por se envolverem em muitos cruzamentos, também podem criar *splinters*, tal é o caso de antropônimos referentes a líderes de igrejas neopetencostais. Por exemplo, a forma *Valde-*, oriunda do prenome Valdemiro Santiago, fundador e líder da Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD), é despreendida do CV ‘Valdemijo’, em que as sequências *-miro* e *-mijo* são de fato semelhantes, constituindo um caso típico de entranhamento lexical (GONÇALVES; ALMEIDA, 2004), mecanismo em que as duas bases se interpõem a ponto de haver um ou vários segmentos idênticos. No entanto, deixa de ser considerada fusão em casos como ‘Valdenero’, ‘Valdemort’, ‘Valdegado’, em que as sílabas iniciais recorrem e remetem ao referido pastor, ainda que a parte final não se assemelhe a *-miro*.

Processo semelhante ocorreu (e ainda ocorre) com o nome do chefe do executivo Jair Bolsonaro. Em Gonçalves (2020), foram analisadas mais de duzentas construções envolvendo tanto o nome quanto o sobrenome do presidente. Como inúmeros cruzamentos exploraram a semelhança entre a terminação *-naro* e outra palavra da língua (p. 17), a exemplo de ‘Nero’, ‘nojo’, ‘nada’, ‘nabo’ e ‘mero’, entre tantas outras, a forma *bolso-* ganhou força lexical e, com isso, passou a se combinar com outras palavras, a despeito de haver ou não identidade sonora.

Uma formação bastante recente é ‘Bolsocaró’, oriunda do aumento expressivo no valor da cesta básica, do combustível, do gás de cozinha e de outros itens de consumo. Sem dúvida alguma, pode ser considerada um cruzamento. Do ponto de vista fonológico, as duas palavras-matrizes são literalmente superpostas, de modo que vários segmentos são compartilhados. Desse modo, uma palavra aparece integralmente “dentro” da outra, pois a menor forma de base (‘caro’) está totalmente contida na maior (‘Bolsocaró’). Essa cunhagem revela que as bases, embora não sejam do mesmo tamanho, compartilham o mesmo acento (são paroxítonas) e porções fônicas idênticas ou equivalentes; fundem-se, de tal modo, que geram, no nível da palavra resultante,



GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

inúmeras relações de correspondência de um-para-muitos entre a forma cruzada e suas matrizes lexicais, como se vê na representação abaixo, em que linhas sólidas indicam segmentos idênticos e linhas pontilhadas, correspondência parcial:

(01) B O L S O N A R O C A R O
B O L S O C A R O

Na esteira de Gonçalves (2020), interpreta-se a forma *bolso-* como uma espécie de compactação (zipagem) do nome do presidente e alta recorrência nos dias de hoje acaba por criar um formativo, sendo indiferente o tipo de CV (GONÇALVES; ALMEIDA, 2004): se por entranhamento ('familiaria'), por combinação truncada ('larangado') ou substituição sublexical ('banconaro') (p. 18).

As avaliações do atual governo passaram a ser tão constantes nas mídias sociais que acabaram criando outro *splinter*: *-naro*. Considere o seguinte *tweet*:

(02)  José Norberto Flesch 
@jnflesch

Brochonaro ainda não se pronunciou. Deve estar encolhidinho num canto, trocando msgs com os filhos para decidir o que tentar fazer para manter o mesmo número de cabeças de gado.

Stockwell & Minkova (2001: 07) mostram que CVs são menos transparentes que compostos e tendem a ser utilizados para chamar a atenção em textos publicitários, jornalísticos e literários, tendo, por isso mesmo, curta duração, em decorrência de sua efemeridade, além de serem bastante populares por causa de sua criatividade. Ainda de acordo com os autores, cruzamentos constituem “*uma área da formação de palavras, em que a inteligência pode ser recompensada pela popularidade instantânea*” (STOCKWELL; MINKOVA, 2001: 07). Além disso, requerem conhecimento de mundo e são altamente datados, ou seja, sua interpretação depende diretamente de fatores como, entre outros, (a) história, (b) contexto político-social, (c) participação nas mídias e (d) conhecimento de mundo.

Formações como ‘brochonaro’ são obviamente situadas. Essa construção, por exemplo, pressupõe que o ouvinte/leitor saiba de um evento ocorrido com o atual

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

presidente na comemoração do 7 de setembro de 2022, duzentos anos de independência do Brasil. Nesse evento, o presidente, usando a data com fins eleitorais, incitou seus seguidores a gritar com ele, em uníssono, a palavra ‘imbrochável’, em que os dicionários oscilam entre a grafia com <x> ou <ch> e o conhecido tuiteiro (p. 19) optou pela escrita com <ch>, por ser a mais aceita. Sem o texto, sem o contexto, sem a semelhança fônica entre as matrizes lexicais, a interpretação certamente não surtiria impacto: a ironia, o humor, a crítica velada. Em termos representacionais, verifica-se que a correspondência entre [s] e [ʃ] é parcial porque ambas são fricativas surdas:

(03) B O L S O N A R O B R O C H A N A R O
B R O C H O N A R O

As formações a seguir comprovam que *-naro* também vem se comportando como *splinter* nos dias de hoje, dada a alta recorrência e a perfeita alusão ao antropônimo ora considerado:

(04) chatonaro
destanaro
bostanaro
nojonaro
desgraçanaro
gadonaro

Qual o destino dessas formações? Segundo Basilio (2005), cruzamentos “*não são formações inocentes, ao contrário, têm a função de nos levar a considerar novas (ir)realidades, seja pela contradição, seja pela maximização da força simbólica de elementos já existentes*” (BASILIO, 2005, p. 505). Sem dúvida alguma, é isso que ocorre nas formações em (04), pois indicam “*intenções, sentimentos e atitudes dos falantes*” (ANDRADE, 2009, p. 196), além de gerar sensação de desvio, “*causando (p. 20) a noção de algo inesperado e, não poucas vezes, manifestam humor, deboche, escárnio e ironia – sendo então, neste caso, eficazes para ridicularizar a imagem de determinadas pessoas, bem como provocar o riso em outras*” (BENFICA da SILVA, 2019, p. 123). A atual osculação entre as formas ‘bolsociro’ e ‘cironaro’ mostram que as duas unidades estão acessíveis e ambas constituem crítica direta ao comportamento do

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

candidato Ciro Gomes que, ao atacar Lula, aproxima-se do rival Bolsonaro em termos de temperamento e postura.

Por esses motivos, Bauer (2004) afirma que *splinters* são por vezes reanalisados como palavras, algumas vezes, como afixos, e às vezes como elementos de construção de palavra que não parecem ter qualquer denotação particular. Em outra obra (BAUER, 2005), aponta três possíveis destinos para os *splinters*: (a) desaparecer por completo, deixando vestígios ou não, (b) tornar-se afixos produtivos ou (c) adquirir estatuto de palavras independentes. Não é possível definir por quanto tempo durará a proliferação de *bolso-* e *-naro*. No entanto, uma ou outra formação pode vingar, denunciando um momento sócio-histórico de muita turbulência no país e de enorme desprezo pela figura desse presidente por grande parte da população brasileira. A seguir, apresenta-se uma proposta de ensino de morfologia integrada à leitura a partir da análise de textos com a formação ‘Bolsocaro’.

3. REFLEXÕES SOBRE ENSINO E TEXTO: O CASO DE ‘BOLSOCARO’

Como visto na seção anterior, o surgimento de *splinters* está bastante atrelado ao contexto sócio-histórico de sua formação e, portanto, sua leitura depende do acionamento de determinada bagagem sociocultural. De acordo com Koch e Elias (2006, p. 13), “*nossa atividade de leitores ativos em interação com o autor e o texto começa com antecipações e hipóteses*”, sendo a leitura, portanto, uma atividade (p. 21) estratégica de levantamento de hipóteses, conforme objetivos específicos, associando o conhecimento do código linguístico a outros conhecimentos prévios. Para Marcuschi (2008), só faz sentido falar de leitura quando se considera o conceito de compreensão, e não “*copiagem*” de informações soltas no texto – como o autor classifica as atividades propostas nas escolas. Assim, é necessário que o leitor associe informações, levante hipóteses, faça inferências.

Por isso, para Koch e Elias (2006, p.21), “*a leitura e a produção de sentidos são atividades orientadas por nossa bagagem sociocognitiva: conhecimentos da língua e das coisas do mundo*”. De acordo com as autoras, ao ler, conforme a situação interacional, são acionados conhecimentos prévios – linguísticos, textuais, enciclopédicos, intertextuais, contextuais, dentre outros – que colaboram para a construção de sentidos do texto. É dentro dessa perspectiva que este trabalho insere o

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

ensino de morfologia e, mais especificamente, do cruzamento vocabular e do *splinter*. Para tanto, apresenta-se, nesta seção, uma breve descrição do objeto de estudo. Logo a seguir, a formação ‘bolsocaro’ é analisada em dois diferentes textos, apontando, por fim, as consequências para o ensino.

O ensino de língua/linguagem deve enfatizar objetos de conhecimento – como, por exemplo, a coesão e a coerência textuais, a progressão textual, as variedades linguísticas, as escolhas lexicais, os mecanismos sintáticos e morfológicos – relacionados aos contextos de uso, associando-os às especificidades dos sistemas semióticos envolvidos, como cor e intensidade nas imagens visuais, sua composição de estilo, por exemplo. Esse tipo de abordagem pode ser exemplificado a partir da imagem a seguir (p.22)

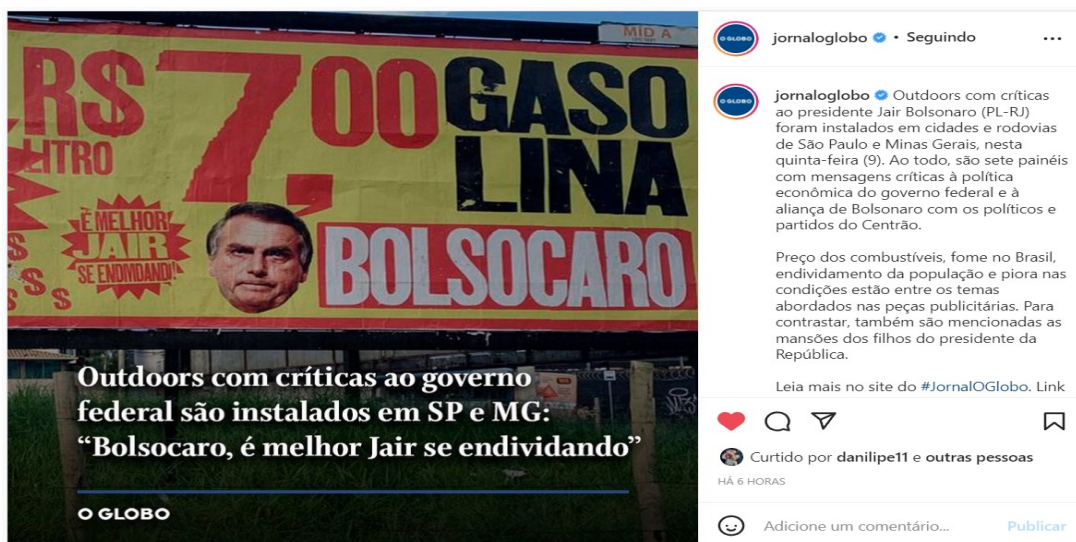


Figura 1

(Fig.1, retirada do *Instagram* em 10/12/2021).

A figura acima é um *print* de uma postagem no *Instagram* do Jornal *O Globo*. Atualmente, muitas pessoas procuram informar-se e acabam lendo notícias pelo celular e/ou computador, em vez de comprar o jornal impresso. Por essa razão, na seleção dos textos, pode ser uma boa estratégia privilegiar, em sala de aula, esse tipo de texto: multissemiótico e nativo digital, isto é, um texto que já nasce e circula somente na *internet*, mais precisamente, nas redes sociais. Desse modo, neste trabalho, foi escolhido esse tipo de texto a fim de demonstrar alguns caminhos de articulação entre ensino de

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

leitura e morfologia. Vale destacar que as propostas foram pensadas para o Ensino Médio.

Tendo em vista que todo texto se realiza em um gênero (MARCUSCHI, 2008), admite-se que, em situações de interação em perfis do *Instagram* (e outras redes sociais), há um compósito de gêneros, os quais se atualizam em conjunto em um mesmo suporte. No texto selecionado, agrupam-se os seguintes gêneros: a postagem, a notícia e o próprio *outdoor*, usado como recurso visual que serve tanto para a notícia quanto para a postagem/*post* no *Instagram*. Há ainda ações previstas (p. 23) dentro desse agrupamento de gêneros – como os compartilhamentos, curtidas e comentários — que não serão consideradas, uma vez que fogem ao escopo principal deste trabalho. Ainda assim, vale o breve destaque dessa característica, até mesmo pelo fato de esse agrupamento interferir no arranjo textual das informações.

A formatação e a organização das informações, dentro desse compósito de gêneros, seguem um estilo de leitura contemporâneo, com recursos multissemióticos, como tamanho de frases e parágrafos, cores, imagens e hipertextos e/ou *links* que levam a outras informações citadas na notícia. Também são comuns trechos em destaque para chamar a atenção do leitor e fazer com que o mesmo compartilhe aquela informação, o que gera engajamento nas redes sociais, além de outros recursos que precisam ser incorporados ao ensino de leitura na escola. No *print* acima, a leitura pode ser iniciada pelo recurso linguístico em destaque no *outdoor* escolhido para estampar a notícia de *O Globo*: o cruzamento vocabular ‘Bolsocaró’. Nessa formação, o *splinter bolso-* se une ao vocábulo ‘caró’ evidenciando um posicionamento discursivo, como apresentado na seção 2. Essa junção, desse modo, introduz um posicionamento, uma avaliação negativa sobre as ações do atual chefe do executivo brasileiro.

O título da notícia, reforçando essa leitura, explica o contexto de circulação da imagem, informando em que regiões foram encontrados os *outdoors* e ainda destaca a frase: ‘Bolsocaró, é melhor Jair se endividando’, que mantém uma relação intertextual com um *slogan* usado na última campanha eleitoral de 2018 (‘é melhor Jair se acostumando’) e com o próprio nome do atual presidente. Em Gonçalves (2020), foram analisados vários processos envolvendo o nome do presidente. No caso em questão, há uma reanálise do nome Jair, interpretado, pela semelhança fonológica, como um complexo sintático constituído do advérbio ‘já’ e do verbo ‘ir’. (p. 24)

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

Essa interpretação é homologada também pelos recursos visuais empregados na imagem em destaque na postagem do jornal *O Globo*, dentre os quais, destacam-se a imagem da cabeça do presidente, o preço da gasolina em fonte grande vermelha eo nome gasolina em fonte preta, em contraste com a cor do preço. O professor pode destacar, ainda, o fundo amarelo com bordas vermelhas, cores intensas e bastante chamativas, que lembram a formatação de panfletos que costumam anunciar promoções, usados para chamar a atenção do leitor ao passar pelo *outdoor*.

Toda essa arquitetura verbo-visual aumenta as chances de visualização desse texto no *Instagram*, seja por aqueles que concordam com o posicionamento discursivo contrário às ações do presidente, seja por aqueles que discordam e, dentro das redes sociais, podem comentar e criticar a notícia. Muitas vezes, a maior parte das pessoas não chega a clicar no *link* para ler o restante das notícias, tendo sua leitura formada somente pela imagem e pela breve descrição que a acompanha, já que o texto digital permite ao leitor escolher o seu percurso de leitura. Dessa forma, faz-se necessário, em sala de aula, cada vez mais, explorar a leitura desse tipo de texto, mostrando como todos os recursos estão associados em prol do seu projeto de dizer, como no exemplo analisado, em que todos os recursos (verbais e não verbais) convergem para o posicionamento discursivo sintetizado pelo cruzamento ‘Bolsocaro’, formação que, como visto na seção 2, atenta para a volta e para a alta da inflação.

É fundamental que, nas aulas de língua portuguesa, o professor não aborde apenas processos concatenativos de formação de palavras, que ocorrem a partir do acréscimo de afixos e sufixos, mas também apresente, aos alunos, processos não concatenativos, principalmente quando ocorre produtividade e o enunciador consegue ser criativo e indicar sua atitude / visão de mundo através (também) do uso (p. 25) de expedientes morfológicos. Franchi (2006) demonstra como é importante o professor explorar a criatividade dos alunos em sala de aula. Segundo o autor, deve-se estudar, na escola, a variedade dos recursos expressivos, colocados à disposição do locutor para a produção de sentido.

O ensino sobre cruzamentos vocabulares permite que se aborde, na escola, por um lado, a criatividade, já que surgem, a todo momento, novos dados de cruzamentos em língua portuguesa, como ‘bolsociro’ e ‘cironaro’, comentados na seção anterior, e o aluno é capaz de criar novas formações através da junção de dois significados que, culturalmente, podem ser associados; por outro lado, com essas formações, o aluno tem

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

acesso a um recurso linguístico que está, muitas vezes, a serviço do seu posicionamento enquanto cidadão. Pode-se apresentar a visão crítica sobre um tema da sociedade através de gestos, entonação, escolhas sintáticas, mas também através de recursos morfológicos. Cabe, ao professor, na medida do possível, explorar todos esses recursos para o aprimoramento das competências de produção e leitura de texto.

O dado ‘Bolsocaró’ é um ótimo exemplo para os alunos aprenderem sobre cruzamentos vocabulares e *splinters*. Como apresentado na seção 2, *splinters* são fragmentos de palavras que passam a atuar como unidades morfológicas; geralmente, surgem de processos não concatenativos, sobretudo de cruzamentos vocabulares. A formação ‘Bolsocaró’ apresenta o *splinter bolso-*. A forma *bolso-*, estudada inicialmente por Benfica da Silva (2019), é utilizada em uma série de palavras. É um *splinter* de base antroponímica que surge a partir do uso de cruzamentos vocabulares, como ‘Bolsomito’ e ‘Bolsominion’. Hoje em dia, o *splinter* é usado, de forma criativa e produtiva, em uma série de palavras, como, por exemplo, as em (05), a seguir: (p. 26)

(05)	Bolsocaró	Bolsomania
	Bolsovírus	Bolsocracia
	Bolsominion	Bolsorragia
	Bolsomito	Bolsocídio
	Bolsonero	Bolsofagia
	Bolsolândia	Bolsovírus

Na análise linguística, é interessante que o professor ensine, aos alunos, como reconhecer cruzamentos e *splinters*, além de demonstrar como esses expedientes morfológicos estão a serviço, muitas vezes, da indicação de uma atitude positiva ou negativa do enunciador. Essa possibilidade de apresentar uma visão de mundo através da morfologia é tratada, pela primeira vez, por Basílio (1987), com o termo ‘função de atitude subjetiva’, o que reforça a importância de relacionar recursos morfológicos aos efeitos de sentido que ajudam a veicular.

Em ‘Bolsocaró’, atribui-se uma visão crítica ao governo Bolsonaro motivada pela inflação do Brasil. Na imagem do *outdoor* colocada na publicação do Jornal *O Globo*, indica-se o preço elevado da gasolina. Ao apresentar a imagem do *outdoor*, o professor pode associá-la ao texto de *O Globo* contextualizando, relatando a inflação no Brasil, informando as cidades onde se colocou o *outdoor*. Outra estratégia possível é levar, para a sala de aula, uma notícia sobre a inflação de diversos produtos, a carestia dos

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

alimentos e relacionar a notícia à formação do dado ‘Bolsocaró’, presente na imagem. Ao utilizar a formação ‘Bolsocaró’, expressa-se o descontentamento com o preço dos produtos no Brasil e associa-se o aumento dos preços ao governo e ao presidente. Não só o *splinter bolso-* é recorrente como a própria formação ‘Bolsocaró’ vem sendo bastante utilizada principalmente no período das eleições de 2022. A imagem a seguir, que circulou no *whatsapp* no atual período eleitoral, apresenta, mais uma vez, o uso de ‘Bolsocaró’: (p. 27)



Figura 2

(Fig.2, retirada do Whatsapp em 21/09/2022). (p 29)

Na imagem, ‘Bolsocaró’ é utilizado como a marca do leite. O enunciador associa o aumento do preço do leite – destacado com letras grandes e no meio da imagem com o trecho ‘subiu 20% em um ano’ – ao governo e ao presidente, que aparece em uma foto no canto da tela com uma expressão de desagrado e falta de ação. A atitude crítica e

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

negativa do enunciador aparece não só na palavra ‘Bolsocaro’, mas também em expressões como ‘100 % mamata’ e ‘60% rejeição’, colocadas na caixa de leite e no uso da mensagem ‘tire o Bolsonaro’ na caixa e ao lado da imagem do presidente após a afirmação ‘Tá tudo caro’ e da interrogação ‘Tá sentindo falta de um leite barato?’, direcionadas ao interlocutor, a fim de conseguir engajamento e convencimento. Essa visão negativa é evidenciada, ainda, pelo uso de ‘o leite azedou’ em letras grandes no início da imagem na qual ‘azedou’ representa a impossibilidade de tomar o leite devido ao seu preço: parte da população não usufrui do leite por estar caro e não por estar estragado. A expressão serve também para indicar a situação da população: ‘o leite azedou’ significa que a situação está ruim, difícil para as pessoas.

Em relação aos recursos semióticos, é importante salientar que, mesmo não utilizando um arcabouço teórico para amparar a análise imagética, o professor pode elencar alguns aspectos para ampliar a leitura dos alunos. Há muitas informações que podem ser destacadas, como as cores (verde e amarelo), que remetem à bandeira brasileira – símbolo muito usado por apoiadores do governo Bolsonaro –, e o fundo composto com imagens de vacas, que podem ser lidas como uma referência a gado, expressão usada para rotular simpatizantes (p. 29) das ações presidenciais. Além disso, a composição da caixa de leite também chama atenção: o logotipo da caixa lembra uma vaca e ainda há uma imagem do presidente Bolsonaro na lateral, com expressão e gestual festivos em uma praia. Todo esse aparato visual, cheio de referências, mantém uma relação intertextual com um encarte de supermercado/um panfleto de oferta, por exemplo. No entanto, o objetivo final do texto não é anunciar um produto, mas sim criticar as ações do governo Bolsonaro.

Nas palavras de Koch e Elias (2006), trata-se de um exemplo de intertextualidade intergênero, “*fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação*” (2006, p. 114). Desse modo, ainda que se possa fazer uma leitura mais abrangente dos recursos visuais, não se pode negar que tais escolhas importam para a percepção do propósito comunicativo do texto e, principalmente, para apreender seu direcionamento argumentativo.

Outro aspecto que deve ser trabalhado com os alunos em sala de aula é o fato de o *splinter* atuar como um novo afixo na língua, dada a rigidez posicional e a alta produção em série de novas formas. A partir do momento em que se depara com a

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

forma *bolso-* e reconhece o seu significado e função, o interlocutor pode passar a usá-la em novas palavras anexada à esquerda da base, como se faz com um prefixo. Depois de os alunos terem estudado, no primeiro ano do Ensino Médio, processos concatenativos, como derivação sufixal e derivação prefixal, e processos não concatenativos, como os cruzamentos, eles podem verificar que, muitas vezes, um processo não concatenativo pode ser uma fonte de criação de novos afixos da língua.

4. PALAVRAS FINAIS

Descreveram-se, neste capítulo, as principais características de cruzamentos vocabulares e *splinters*, visto que são expedientes morfológicos (p. 30) extremamente relevantes na formação de novas palavras atualmente. A percepção do comportamento desses recursos e sua produtividade são importantes para embasar as aulas de morfologia no ensino de língua portuguesa e permitir que o docente vá além de uma questão meramente descritiva dos recursos morfológicos.

Vale ressaltar que o tipo de trabalho em sala de aula aqui abordado é preconizado pelos diferentes documentos que regem o ensino de língua portuguesa, como a BNCC, por exemplo, que elenca atividades de análise linguística como uma das atribuições do docente de língua portuguesa. Em relação à análise linguística/semiótica, a própria BNCC define que ela

envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de decomposição dos textos, determinadas pelos gênero (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido. (BRASIL, 2018, p. 80)

Embora haja diversas críticas legítimas ao documento citado, é fato que se espera do ensino de língua portuguesa hoje uma prática que abarque a leitura de textos multissemióticos, integrando à leitura os aspectos não verbais, sem deixar de lado a necessária exploração dos recursos linguísticos que compõem os variados textos. Neste trabalho, demonstrou-se apenas uma das possibilidades de aplicação do conhecimento morfológico em questão. Como visto, na seção 3, a formação ‘Bolsocaró’ é fundamental

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

na leitura do texto, uma vez que sintetiza a opinião do interlocutor em uma única forma.
(p. 31)

Desse modo, a escolha de textos atuais, ligados ao contexto sócio-histórico dos estudantes, pode ser uma ferramenta importante para demonstrar a produtividade de determinados recursos morfológicos na criação de textos e na expressão da criatividade e do posicionamento dos falantes. Assim, torna-se possível: (i) demonstrar como o emprego do *splinter bolso-* está ligado ao contexto de produção dos textos e ao momento histórico da sua veiculação, o que ajuda também a comprovar o caráter sociointeracional dos textos; (ii) promover um ensino de leitura que, de fato, integre questões sociocognitivas e contextuais a atividades de análise linguística, explorando o conhecimento da língua para a leitura; (iii) proporcionar, ao discente, uma experiência mais ativa e criteriosa tanto no que se refere à leitura quanto no que se relaciona à descrição e à análise da língua. (p. 32)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, V. *An Introduction to Modern English Word-formation*. London: Longman, 1973.

ALGEO, J. Blends, a structural and systematic view. *American Speech*, 52, 47-64, 1977.

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do Português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ARONOFF, M.; FUEDEMAM, K. *What is Morphology?* (Fundamentals of Linguistics Book 1). New York: Wiley, 2004.

BASILIO, M. M. de P. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. *Anais IV Congresso Internacional da ABRALIN*, Salvador: UFBA, p. 545-555, 2005.

BASÍLIO, M. M. de P. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987

BAUER, L. *A glossary of morphology*. Edinburg: Edinburg University Press, 2004.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: Dressler, W. U e at. (orgs). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

BENFICA DA SILVA, V. Cruzamento vocabular formado por antropônimos: aspectos morfológicos e fonológicos. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

GONÇALVES, C. A. V.; VIVAS, V. M.; MORAIS, M. Morfologia, texto e ensino. In: Lacerda, Mariana; Oliveira, Marian. Ensino de português: fonologia, morfologia e sintaxe. Salvador: Quarteto Editora, 2023, p. 13-34.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Proposta preliminar. Abr. 2018. Disponível em: <Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 10 07. 2019.

CANNON, G. Blends in English word formation. *Linguistics*, 24.4, 725-753, 1986.

FRANCHI, Carlos. *Mas o que é mesmo “gramática?”*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. A crença nas palavras: (des)construções lexicais em antropônimos de líderes religiosos. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 48, p. 899-918, 2019.

GONÇALVES, C. A. V. Na sextaneja com a caipifruta da mãedrastra: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim*, Rio de Janeiro, no. 13, vol. especial, p. 139-158, 2013.

GONÇALVES, C. A. V. Uma análise construcional das (de)formações lexicais com os nomes do atual chefe do executivo. *Gragoatá* (UFF), v. 25, n. 52, p. 648-687, 2020.

GONÇALVES, C. A. V. & ALMEIDA, M. L. L. Cruzamento vocabular no português brasileiro: aspectos morfo-fonológicos e semântico-cognitivos. *Revista Portuguesa de Humanidades*, Braga (Portugal), v. 8, n. 1, p. 151-170, 2004.

HASPELMATH, M.; SIMS, A. D. *Understanding morphology*. London: Routledge, 2010.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

LAUBSTEIN, A. S. Word Blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, Montreal, 44, n. 2, p. 127-48, jan./jul..1999.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTIELLO, E. *Extra-grammatical Morphology in English: Abbreviations, Blends, Reduplicatives and Related Phenomena*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013.

SANDMANN, A. J. Morfologia Lexical. São Paulo: Contexto.

STOCKWELL, R; MINKOVA, D. *English words: history and structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001